



Evento	Salão UFRGS 2020: SIC - XXXII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2020
Local	Virtual
Título	ACHADOS DO POTENCIAL EVOCADO MIOGÊNICO VESTIBULAR CERVICAL EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN
Autor	VIVIANN MAGALHAES SILVA BORGES
Orientador	PRICILA SLEIFER

Achados do Potencial Evocado Miogênico Vestibular Cervical em crianças com Síndrome de Down

Autora: Viviann Magalhães Silva Borges

Orientadora: Pricila Sleifer

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Justificativa: A síndrome de Down (SD) é a alteração genética humana mais comum existente, com incidência estimada em 1 a cada 800 nascidos vivos. Alterações de marcha e postura estão associadas à síndrome, mas poucos estudos dedicaram-se à avaliação do sistema vestibular. O Potencial Evocado Miogênico Vestibular cervical (cVEMP) é um procedimento que pode ser um recurso utilizado na avaliação das disfunções vestibulares nessa população. **Objetivo:** Comparar as latências, amplitudes e índice de assimetria do cVEMP em crianças com SD com um grupo controle e verificar possíveis associações com sexo e orelhas. **Métodos:** Estudo transversal e comparativo. Participaram 81 crianças com 9 a 11 anos e 11 meses. Foram avaliadas 27 no grupo estudo (GE) e 54 no grupo controle (GC), pareadas duplamente por idade e sexo. Para realizar o cVEMP, utilizou-se o equipamento *Masbe ATC Plus*, da marca *Contronic®*. O eletrodo terra foi fixado na frente, os eletrodos de referência foram posicionados na mediana do músculo esternocleidomastoideo, dos lados esquerdo e direito, e os ativos foram posicionados logo abaixo dos negativos. **Resultados finais:** No GE, a média da latência da onda P1 foi 17,49ms, da N1 foi 26,89ms e da amplitude, 34,69. No GC, a média da latência da onda P1 foi 14,85ms, da N1 foi 23,62ms e da amplitude, 64,29. O índice de assimetria foi 15,79% no GC e 20,27% no GE. Houve diferença significativa na comparação das médias das latências e da amplitude entre os grupos, porém não houve diferença significativa no índice de assimetria. Não foram encontradas associações significativas entre as médias de latências das ondas e as variáveis orelha e sexo, em ambos os grupos. Na amostra estudada, observou-se forte associação negativa entre idade e latência e uma correlação positiva quanto ao aumento da idade e da amplitude, em ambos os grupos.